



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Universidade Federal de São Paulo



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Ofício nº 17/2024/DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Guarulhos, 26 de junho de 2024.

À  
DIRETORIA ACADÊMICA - ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS - EFLCH - GUARULHOS  
Prof. Bruno Konder Comparato

Assunto: **Inclusão Ponto de Pauta Congregação - Manifestação do Professores do Conselho do Departamento de História**

Senhor Diretor,

Solicito que seja incluído como ponto de pauta, na próxima reunião da Congregação, a discussão do manifesto dos professores do Conselho do Departamento de História, aprovado por 10 votos a 6.

Cordialmente,

**Maximiliano Mac Menz**  
Chefe do Departamento de História



Documento assinado eletronicamente por **Maximiliano Mac Menz, Chefe de Departamento**, em 26/06/2024, às 17:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida [clikando aqui](#), ou pelo endereço: "https://sei.unifesp.br/sei/controlador\_externo.php?acao=documento\_conferir&id\_orgao\_acesso\_externo=0" informando o código verificador **2221777** e o código CRC **3ADF9698**.

Estrada do Caminho Velho 333 - Bairro Jardim Nova Cidade - Guarulhos - SP CEP 07252-312 -  
<http://www.unifesp.br>

Referência: Caso responda este Ofício, indicar expressamente o Processo nº 23089.018635/2024-11

SEI nº 2221777

## Sobre respeito e desrespeito a direitos individuais, coletivos e violência

### Manifestação do Conselho do Departamento de História

Não obstante o término da greve docente e da paralisação discente, vimos nos manifestar sobre respeito e desrespeito aos direitos individuais e coletivos, e à violência.

No âmbito da vida universitária, em contextos de reivindicações estudantis por direitos, piquetes têm sido utilizados como forma de sensibilização e mobilização.

Partindo do pressuposto de que muitas das reivindicações são pertinentes, justas e legítimas, cabe indagar se os métodos de luta utilizados também o são, e se coadunam às melhores formas de defender a universidade.

Historicamente, piquetes integram o repertório de luta política sindical e estudantil, mas seu uso precisa ser contextualizado – remonta a contextos antidemocráticos e autoritários, marcados pela perseguição a trabalhadores e restrição de direitos civis, em realidade totalmente diversa da que vivemos hoje. Se outrora garantiram direitos, os piquetes, hoje, significam a sua supressão, com o impedimento do direito de ir e vir e o estabelecimento físico e violento de uma recusa ao diálogo.

A interrupção das atividades didáticas, por meio da força, implica em um duplo desrespeito – aos docentes que não aderiram à greve e que tem seus direitos de exercício do ofício não resguardados e aos discentes que querem assistir aulas e que não comungam das mesmas ideias ou estratégias daqueles que são favoráveis ao estabelecimento dos piquetes.

A prática democrática assegura o direito de greve e de paralisação, mas assegura, também, o direito de não aderir ao movimento grevista docente ou à paralisação discente. Para o bom convívio na universidade e em respeito às práticas democráticas, o direito individual e de parcelas de ambos os segmentos deve ser respeitado, assim como, também, o direito coletivo, sem que um se sobreponha ao outro por meio de ofensas, intimidações e impedimentos.

A agressão a qualquer membro da comunidade acadêmica é uma agressão à universidade e ao que ela representa, e não se pode calar (sem consentir) a esse respeito.

A universidade convive e deve conviver com o diálogo, mas não deve conviver com a violência, em nenhuma de suas formas e expressões.

E vale lembrar que a universidade que temos hoje, em que decisões são tomadas de forma democrática e colegiada em todas as instâncias, é conquista resultante de décadas de lutas. Docentes, discentes e TAEs têm assento, voz e voto assegurado em todas as instâncias da universidade, podendo e devendo fazer uso deste recurso.

Espaço plural, de debates e de convivência com o contraditório, o ambiente universitário é propício ao desenvolvimento de diferentes formas de mobilização e convencimento dos pares – a força não é uma delas.